

Josimo: sua produção poética e o seu engajamento – considerações sobre um intelectual da terra

Moisés Pereira da Silva¹

RESUMO

A análise dos escritos do Padre Josimo Moraes Tavares enquanto produção intelectual faz-se à luz dos escritos do intelectual marxista Antonio GRAMSCI (1978, 1989, 1995) e é correlata à necessidade de revisão do sentido do Ser Intelectual no contexto social brasileiro e, especialmente em um espaço, a Região do Bico do Papagaio e em determinada época, entre as décadas de 60 e 70 do século XX. A proposição de um olhar sobre o indivíduo Josimo como intelectual brasileiro, portanto, obedece critérios que se relacionam tanto com a consciência de si e do seu fazer social que compreende intersubjetividade e habilidade empírica nos tratos com as questões sociais evidentes nos escritos de Josimo, quanto pela sua ação política pedagógica que, enquanto membro da Comissão Pastoral da Terra e padre católico adepto da Teologia da Libertação, movimento que procurava responder às problemáticas próprias da igreja católica latino americana (CATÃO, 1986:63) significou a opção por um engajamento político, correlato às idéias de SARTRE (1977, 1984, 1989, 1997) que o levou a desenvolver um trabalho pedagógico libertador em favor do campesinato da Região aonde desempenhava o seu trabalho sacerdotal. Portanto, não é tanto a espiritualidade, ou as convicções do padre que interessa, mas a relação do homem com o mundo circundante e, conseqüentemente, as características do seu trabalho em meio a outros homens e mulheres, aos quais se juntou como forma de opção política em relação à uma classe específica, a campesina de cuja relação sua poética está impregnada.

Palavras-chave: poesia, intelectual, engajamento.

ABSTRACT

The analysis of Priest's Josimo Moraes Tavares writings while intellectual production is made to the light of the Marxist intellectual's Antonio GRAMSCI writings (1978, 1989, 1995) and it is correlates to the need of revision of the Intellectual Being's sense in the Brazilian social context and, especially in a space, the Area of the Beak of the Parrot and in certain time, among the decades of 60 and 70 of the century XX. The proposition of a glance on the individual Josimo as Brazilian intellectual, therefore, it obeys criteria that link so much with the conscience of itself and of yours to do social that she understands inter-subjectivity and empiric ability in the treatments with the evident social subjects in the writings of Josimo, as for her pedagogic political action that, while member of the Pastoral Commission of the Earth and priest Catholic follower of the Theology of the Liberation, movement that he tried to answer to the own problems of the church Catholic Latin American (CATÃO, 1986:63) it meant the option for a political engagement, I correlate to SARTRE ideas (1977, 1984, 1989, 1997) that took it to develop a work pedagogic liberator in favor of the class farmer of the Area the where it carried out her priestly work. Therefore, it is not so much the spirituality, or the priest's convictions that it interests, but the man's relationship with the surrounding world and, consequently, the characteristics of her work amid other men and women, to the which he joined as form of political option in relation to a specific class, the rural of whose his poetic relationship is impregnated.

Keywords: poetry, intellectual, engagement.

¹ Professor da UEG, mestrando em História pela UFG, graduado em História e em Pedagogia pela UEG e especialista em História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade do Noroeste de Minas, é docente da disciplina de História na rede pública de ensino do Estado de Goiás e na rede municipal de ensino de Niquelândia.

Introdução

*Ser alguém
nada mais
que ser. (...)
Tudo ser
Nada mais
Que o devir.*

Josimo Moraes Tavares

Pensar na figura do Padre Josimo como intelectual requer uma reflexão sobre o sentido do Ser Intelectual. É sabido que o próprio conceito de *intelligentsia*² na sua origem, tanto na França quanto na Rússia, foi construído em torno do debate relacionado a uma realidade, situação que possibilita um olhar comparativo à filosofia da práxis enquanto postura de aproximação entre ciência e os contextos das formulações teóricas. Não se quer com isso eliminar a elucubração metafísica, o idealismo abstrato ou qualquer outro processo digressivo de formulação ou reformulação de idéias; mas dizer que em determinados discursos têm-se a impressão que, contrariando o que defendia BLOCH (2002)³, mais que a relação com algum contexto, são intelectuais aqueles que escrevem de forma a serem entendidos por poucos como se, na mesma progressão, o grau de complexidade abstrativo e o valor do discurso em questão concorressem para a validade do discurso e hierarquização do locutor. Seria, nesse caso, como forma de argumentação exemplificadora, questionar se o fim da literatura é apenas estético ou ainda, recorrendo à *Guernica*⁴, se existe propósito que esteja além da pura contemplação da obra.

A menção à BLOCH (op. cit.) já é uma negativa desse vazio intelectual. Se não bastasse, GRAMSCI (1995)⁵ entende que é preciso superar a idéia de que a filosofia seja ciência de uns poucos privilegiados defendendo, com isso, a idéia de que todos os indivíduos possuem a capacidade cognitiva do filósofo passível de manifestação através da linguagem,

² Na Rússia o termo surge no século XIX relacionando a um grupo social preocupado com assuntos públicos que, segundo BEIRED (1998:123) passou a perceber-se singular enquanto formulador de mudanças. O caso Dreyfus traduziu o termo *intelligentsia* para o francês *intellectuel*, ou intelectual no português. Importa, em todo caso, que em ambos os contextos o emprego do termo remete a posições políticas.

³ A esse respeito Marc Bloch em sua “Apologia da História, ou o Ofício do Historiador, publicada pela primeira vez em 1949 por Lucien Febvre, defende o fazer-se entender como habilidade do historiador, não o contrário.

⁴ Exposto no Pavilhão da República Espanhola por ocasião da Exposição Internacional de Paris em 1937, *Guernica*, painel de Pablo Picasso, é uma referência ao bombardeio alemão da cidade espanhola de Guernica.

⁵ Por este e por outros trabalhos, o perfil gramsciano vai se definindo como o do filósofo da práxis ou intelectual orgânico do movimento operário comunista italiano.

da práxis cotidiana e da ideologia. A sua discussão sobre a intelectualidade⁶ o leva a crer que todos os indivíduos são intelectuais, embora na sociedade nem todos possuam essa função. Isso significa pensar a produção intelectual não só no horizonte do engajamento, mas também como um projeto social de conjunto. É somente do mundo vivo e dinâmico que emana todo o discurso, seja o da estética, da fenomenologia do espírito ou dos marxistas. Mesmo que hajam pretensões transcendentais, os canais, ou objetos passam pela dinâmica da realidade ou do lócus do discurso, de modo que é bastante razoável a apresentação do Padre Josimo como intelectual pelo grau de envolvimento/engajamento da sua produção com o ambiente circundante.

Nesse sentido, vale apenas mencionar SARTRE (1977; 1984; 1989; 1997) cuja produção filosófica e literária constituem literatura e filosofia do engajamento. Em SARTRE (1989) a literatura ganha dimensão política, posto que é expressão do engajamento intelectual do autor. Tanto através da escrita, como na vida prática –no caso dos camponeses, por exemplo – o grau de consciência é condição para esse engajamento (idem, 1997) e ao mesmo tempo em que o engajamento é objetividade – posto que o homem é projeto de si mesmo (idem, 1984:11) – sua escolha implica ir além de si, numa decisão que engaja toda a humanidade (idem, p. 6) abraçando também as conseqüências dessa escolha (idem, 1977).

Josimo percebe-se enquanto intelectual da práxis e em seu “*O mundo silente*”(JOSIMO, apud. CNBB, 1999: 13) argumenta que: “*não acho que o meu conceito/venha da idéia/criando o real*”, e demonstra, como filósofo que é, o amor ao pensar, mas “*pensar o concreto: a verdade*”. Engajado até as últimas conseqüências, atendeu, por isso, aos princípios do intelectual descrito por BOUDIEU (1989) que, embora deva respeitar as leis das estruturas de poder, deve ser autônomo em relação a elas e ao mesmo tempo precisa permanecer produtor intelectual sem, no entanto, se tornar político. É um homem de pensamento e de ação, sem, no entanto isolar-se.

É, portanto, dentro dessa perspectiva que se pensa Josimo como intelectual. As formulações desse compromisso intelectual dá-se junto à Comissão Pastoral da Terra e, teoricamente, expressa-se nas cartas e poesias escritas por Josimo que dão conta de suas concepções, da caracterização do seu sacerdócio e da firmeza do seu compromisso com os camponeses da Região do Bico do Papagaio entre as décadas de 1970 e 1980.

⁶ GRAMSCI, A formação dos intelectuais, 1972.

A poética de Josimo e o seu engajamento.

A ênfase na contextualização induz à identificação de Josimo em seu ambiente formativo e de trabalho. Enquanto sacerdote ele respira os ares da Teologia da Libertação de que provavelmente, dado a popularização na América Latina dessa tendência teológica e a forma como escreve no período, teve contato desde a época de seminário. Por outro lado, o contexto de seu campo de atuação, e de toda a sua vivência, sofre desde a década de 1930 o avanço da política de modernização que, permeada pela ideologia do progresso em oposição à barbárie, avança inexoravelmente sobre a região devastando culturas e modos de produção e instaurando o desassossego, a incerteza, a pobreza, a luta e a morte.

A apresentação do ambiente de vida e trabalho de Josimo não atende a interesse de determinação, de homem condicionado pelas circunstâncias; ao contrário, procura evidenciar o princípio do engajamento co-relato ao apresentado na filosofia sartreana cujo ponto de partida não são as condições de existência, necessariamente, mas, sobretudo, a identificação entre o sujeito e o objeto do seu engajamento que dá a medida do seu compromisso. Nesse sentido, no seminário ele já demonstra, através de sua poesia, uma identificação com os “*companheiros*” que são “*viajantes como eu/ nesta estrada da vida*”, mas, não é apenas a condição de migrante, da qual ele também resulta, que os identifica; nas palavras do poeta: “*pertenço a este grupo de pessoas/dispostas a transformar o mundo/a transformar as próprias vidas.*”⁷(idem, p. 3).

Essa predisposição para um trabalho religioso, pedagógico-político advém, na leitura de ALDIGHERI (1998: 21) da influência da Teologia da Libertação e das linhas pastorais da CNBB adotadas a partir de Medellín e que priorizavam as causas dos grupos marginalizados ignorados até ali⁸. Parte da igreja toma consciência de si, igreja latino-americana e do contexto do seu povo, povo latino-americano. Não tratou-se de fé nova, teoriza BOFF (1986:65) “*mas da fé dos apóstolos e da igreja articulada com as angústias e as esperanças de libertação dos oprimidos*”. CATÃO (1986:58) acredita que a partir de Puebla, em 1979, empenhou-se mais na transformação das estruturas sociais injustas. Nesse mesmo sentido, outro importante teórico da Teologia da Libertação Gustavo GUTIÉRREZ (1981:45) acredita que, a partir de então, a igreja passou ver a realidade latino-americana em sua crueza. A formação sacerdotal de Josimo ocorre em meio a essa efervescência.

⁷ Trecho de *Minha firme decisão*.

⁸ Nesse sentido foi revolucionário o Concílio Vaticano II por buscar uma aproximação entre a igreja católica e a realidade latino-americana possibilitando, inclusive, a partir daí uma teologia da práxis dentro da igreja.

Desse modo, assim como para Sartre⁹ a tomada de consciência por parte dos camponeses em relação à sua situação foi condição para seu engajamento na Revolução Francesa, sem o reconhecimento do contexto de exploração camponesa e as idéias esquerdistas da Teologia da Libertação, provavelmente não se poderia justificar as idéias apresentadas por Josimo, bem como a sua luta. Mas não se quer dizer que por existir a teologia da libertação como pensamento de esquerda dentro da igreja e uma situação de exploração na região de trabalho do Padre Josimo ele estava condicionado ao caminho que tomou. Na mesma diocese de Tocantinópolis, sob as mesmas condições, muitos padres permaneceram neutros. Ele comprometeu-se não por existirem essas condições, comprometeu-se como resultado de sua escolha. Mas sem as condições ele tão pouco poderia escolher. Da mesma forma, cada gota de sangue dos camponeses franceses à época da Revolução não decorria de uma força exterior que os engendrassem na luta, mas, por outro lado, a consciência da exploração e a percepção da possibilidade de mudança constituíam pré-requisitos fundamentais para que estes se dispusessem a encharcar com sangue os campos franceses.

Se os revolucionários franceses se reconheciam enquanto classe, condição para o seu engajamento, o mesmo não se poderá dizer de Josimo. A atuação é diferente. Num caso há a contribuição para o bem da classe de que se faz parte, sendo a luta do grupo uma causa comum cujo resultado poderá refletir no plano individual na medida em que as benesses refletir-se-ão nas condições de vida de cada indivíduo. No outro há o trabalho intelectual junto à classe fundamentado num projeto em que se crê de promoção humana. Assim, escolhendo a transformação da realidade através do seu trabalho evangelizador-pedagógico Josimo, contrariando os mandatários e exploradores do povo, faz-se liderança concorrendo, portanto, para a realização em si mesmo do típico modelo de intelectual enfatizado por GRAMSCI (1978) como dirigente e organizador da cultura e como mediador de conflitos de MANNHEIM (1968)¹⁰ ao mesmo tempo se deixa notar como intelectual desprovido da torre de marfim, proteção do intelectual criticada por MORIN (1986), para encarnar uma filosofia da práxis com valor cívico e político, compromisso defendido por este autor. Josimo não mais se

⁹ Em *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* o autor trabalha a intencionalidade da consciência como um dado objetivo, de vez que a consciência é intencional não existindo sem voltar-se para algo representado ou criando a presença de um objeto, de um dado. Estes dados, objetos da consciência são reais, mesmo quando ideais. Existem como fenômenos.

¹⁰ Mesmo sem se deter na análise da função do intelectual, Manheim contribuiu para a representação deste como mediador social. Para ele sendo as idéias, ideologias e visões de mundo decorrentes da relação do indivíduo com o mundo e não com a sua consciência caberia ao intelectual –que neste caso é um sociólogo –a análise da relação entre o meio social e as ideologias tornando-se assim um intérprete dos conflitos sociais entre as diferentes visões de mundo.

vincula à classe que defende, uma vez que integrado ao clero da Diocese de Tocantinópolis é à classe do clero que pertence e não à dos camponeses. É, portanto, a partir do projeto que defende que se pode entender o seu trabalho. Enquanto projeto, não se trata apenas da defesa do direito à terra em si, mas da dignificação humana que passa pela dignidade dos camponeses, mas deve estender-se a todos os homens e mulheres.

Josimo embora não possa reconhecer-se enquanto camponês, posto que era um padre, reconhece, todavia, o conflito entre um projeto modernizador que, de Getúlio Vargas, e até bem antes dele, a Juscelino Kubistchek procurava modernizar o sertão, interesse transformando em integracionismo pelos militares oposto ao modelo camponês de economia de subsistência. A esse respeito, embora o governo militar tenha semeado esperanças terminou por agravar enormemente a situação ao preterir os grandes grupos econômicos à uma política de reforma agrária que pudesse minimizar os conflitos na Região do Bico do Papagaio, lugar que já a muito tempo recebia pessoas de diversas regiões do país, imigrantes pobres fugidos das secas do nordeste e do desemprego das cidades.

Se a abertura das grandes rodovias, como a Belém-Brasília foram acompanhadas de projetos de assentamento havendo desde a década de 1941, como assegura PESSOA (1999) uma campanha em prol da ocupação da Amazônia através da doação de terras e formação de Colônias Agrícolas, o que efetivou-se de fato foi, nas palavras de (BECKER, 1982:137) o “*devassamento amazônico, num projeto geopolítico para a modernidade acelerada*”. O Governo brasileiro que deveria promover o bem-estar-social como modelo de política moderna, pelo menos para atender ao que se propunha ideologicamente, ao abandonar os projetos de Reforma Agrária priorizou o desenvolvimento do grande capital como se isto bastasse para resolver todos os problemas da Amazônia. Desse paternalismo do governo resultou primeiramente a grilagem¹¹, depois a peonagem que era uma forma de reprodução do capital a partir de uma produção não-capitalista. Quanto mais terra tivesse o proprietário, mais crédito recebia do governo para continuar comprando terras e, com isso multiplicando as forma de degradação da condição humana através da usurpação da terra e da exploração não-assalariada da sua mão-de-obra. Essas relações são, segundo MARTINS (1997, p. 82) escravistas. Para o capitalista, que nem sempre é um latifundiário, lhe oportuniza, conforme OLIVEIRA (1997, p 19) poupar “*investimentos em mão-de-obra*”. Alguns pesquisadores, entre eles o Padre Ricardo Rezende¹², identificam na peonagem o processo de escravidão

¹¹ A esse respeito ASSELIN (1982) publicou ampla documentação sobre o processo de grilagem.

¹² Ricardo Rezende, professor da UFRJ, Coordenador do Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos da UFRJ. Suas pesquisas sobre migração,

moderno comum ainda em dias atuais na região do Bico do Papagaio. Já padre, poeta engajado e líder determinado, Josimo participa da situação e sua produção poética contínua constituindo síntese de suas idéias e da sua prática. Em *Salmo a Deus dos fracos e abatidos*¹³ exclama: “*Teu povo, ó Deus dos fracos/ inunda a terra inteira/ com gemidos e suores de agonia/ debaixo das trevas da dominação.*”

Filho dessa terra de conflito e de fronteira, Josimo nascera em família pobre que depois de residir em Marabá, sul do Pará, onde ele nasceu, migrou para Xambioá, Norte de Goiás, atual Tocantins. Embora filho de lavradores, não será a origem de Josimo, por si mesma, que poderá justificar seu engajamento com a causa camponesa¹⁴. Josimo se insere na classe por abraçar a esperança de um mundo melhor viabilizado por um projeto que passava pela Reforma Agrária, não porque pertencesse a classe ou por se identificar, em condições com a classe. Na verdade, não se faz parte da classe camponesa por ser lavrador, ou por estar nas mesmas condições de espoliação, dentro de um mesmo espaço geográfico, que a classe. Faz parte da classe camponesa aquele que, consciente das condições de exploração e das possibilidades de mudanças, escolhe livremente abraçar a luta¹⁵.

Os escritos de Josimo revelam duplamente um homem consciente de que sendo padre em uma região de conflito e de fronteira, onde não raras vezes o homem perde-se em transmutações mercadológicas sucumbindo ao valor de mercadoria quando a subtração de sua força de trabalho não basta aos grandes empreendimentos modernistas, precisa optar por um dos modelos em jogo sendo sua luta ao lado dos camponeses o resultado dessa escolha. Por outro lado, vai percebendo cada vez mais que nessa escolha enquadra tudo que lhe circunda, inclusive sua própria vida. A poesia foi, na vida desse intelectual, uma externalização estética dos conflitos de alguém cuja brevidade da vida reconhece e que, por isso, reconhece também mais urgente a necessidade de ser maior o engajamento com aquilo que acredita. A consciência de um padre, muitas vezes dividido entre aqueles que querem o conforto do seu silêncio,

trabalho escravo por dívida e violência na Amazônia resultaram na produção de vasta fonte bibliografia sobre o tema em questão. Essas pesquisas são importantes dentro do tema porque esse pesquisador aborda a temática dentro do nosso recorte espaço-temporal. A região geográfica de sua atuação presbiteral, e objeto de suas pesquisas, é a região Sul do Pará, com extensão para o norte de Goiás, hoje Tocantins, e oeste do Maranhão e o período compreende entre meados da década de 1970 e metade da década de 1980 quando ele próprio, enquanto presbítero, esteve ao lado dos camponeses e sofreu, por isso, as marcas da violência e da perseguição.

¹³ Idem (p. 29).

¹⁴ Não se trata de pertencer à classe, uma vez que o camponato corresponde mais a um tipo de produção econômica comum, geralmente produção agrícola de subsistência, quanto pela luta comum em defesa do uso e da posse da terra. Se os critérios para integração a uma classe fossem as condições, não a consciência, haveria que se refletir sobre as condições de Geraldo Rodrigues da Costa, assassino de Padre Josimo e que pouco diferencia em condições, daquela dos camponeses que o padre defendia.

¹⁵ SARTRE (1997) explicita que somente a consciência das condições degradantes e a percepção de que era possível mudar possibilitou o engajamento camponês durante a Revolução Francesa.

inclusive dentro do próprio clero diocesano de Tocantinópolis, e a urgência daqueles que não tinham mais a quem recorrer manifesta-se numa poesia angustiada que continuamente pede pela vida, enquanto reconhece o cotidiano como uma luta sangrenta.

Conclusão

A poesia do padre Josimo apresenta duas fases bem distintas. Num primeiro momento ela reflete seus conflitos pessoais contextualizados com o ambiente formativo do seminário. Nesse momento ele reconhece as características da formação, mas já se mostra preocupado com o tipo de padre que deseja ser, bem como se mostra incomodado com um possível comodismo e banalismo de seus colegas seminaristas. Chega a transparecer um certo conflito com “o grupo” havendo expressão da forma como se vê em relação aos colegas: “*sou apenas um número estático*” e como percebe o grupo: “*O pior é que eu penso que o grupo se resume/ no ping-pong/ (...)/ nas conversas sem compromisso/ nos risos, por vezes, exagerados/ e outras coisas menos fundamentais.*” (idem, 5-6). Nesse momento é perceptível uma pessoa preocupada com a realidade para além do corriqueiro dia-a-dia do seminário.

O mundo silente (idem, p. 13) possibilita um entendimento da concepção de Josimo quanto ao papel do intelectual. Não é um puro teórico, mas é alguém que pensa a prática e a partir da prática também pensa a teoria. É a filosofia da práxis, mas é também a práxis teológica do grupo da teologia da libertação. Um teólogo-filósofo que por suas idéias e práticas, possibilita a visibilidade de um Deus-conosco-libertador (ALDIGHERI, 1998) que, entre o povo, não é hierárquico posto que como pai se faz amor e em sua doação torna irmãos uma classe composta por múltiplas diferenças resultadas das migrações internas em um país multifacial e que, ante a adoção filial desse Deus-povo, dissipam-se as diferenças para fazer prevalecer o companheirismo de uma grande família que se reconhece na causa comum.

Num segundo momento, tipificado no texto, Josimo padre, é mais veemente e pauta sua poesia por uma linguagem mais imediata. Denúncia, revolta, determinação e esperança configuram sua escrita. Em *Lamentação dos Pequenos* (CNBB, 1999: 50) a ausência da terra é humilhação e a ressurreição, no poema da *páscoa* (idem, p. 44), só é possível com a soma de três fatores: *a palavra, a consciência e o homem*. Enquanto padre, não perde a fé na “Palavra”, forma comum nos meios religiosos de referirem-se à bíblia; enquanto intelectual engajado, acredita no poder da consciência, por isso promove a conscientização como via de libertação do homem.

Á guisa de palavras finais, espera-se do leitor-ouvinte, não tome por apologia, o que esvaziaria todo o sentido do que se diz aqui, a apresentação de Josimo como intelectual.

Por questão de encaminhamento metodológico buscou-se focar a relação entre pensamento e prática na perspectiva de evidenciar um viés muito esquecido ultimamente como característica do intelectual: o compromisso social. Não se pretendeu, sequer, fazer apologia ao martírio. O intelectual não tem que ser mártir, nem imediatista, tão pouco condicionar-se a qualquer realização. Ele não é obrigado a nada. Por outro lado, o intelectual tem uma função social. Ele é tributário da sociedade. E embora não se deva esperar grandes ações, é exatamente a projeção que uma pessoa alcança, enquanto referência teórica, que a distingue como intelectual e de se refletir que diante do prestígio de que goza o intelectual, ele deveria usar isso em favor dessa mesma sociedade que lhe devota tal confiança e prestígio.

Um é o modelo do intelectual que se compromete até as últimas conseqüências e em face da iminência da sua morte, podendo fugir para ter garantida a vida, decide: “*morro por uma causa justa (...) conseqüência lógica resultante do meu trabalho*” (idem, p. 78). Não há argumento maior que possa refutar a idéia de apologia em função de uma compreensão de engajamento livre em que, ao escolher um projeto, escolhe-se solidariamente, os demais homens e mulheres. Esse é um modelo de intelectual. O outro, é aquele modelo conferencista e produtivista que de tanto somar em discursos vazios, estamos a viver uma subtração de sentidos. A ênfase aos escritos de Josimo evidência, duplamente, a sua capacidade intelectual e a síntese entre teoria e prática decorrendo sua ação de uma concepção teórica de vida que consuma-se como as metáforas de seus poemas em que a transfiguração está sempre presente.

Bibliografia

- ALDIGHIERI, Mário. *Josimo: um amor pastoral para os camponeses*. Goiânia: CNBB, 1998.
- ASSELIN, Victor. *Grilagem, corrupção e violência em terras do Carajás*. Petrópolis: Vozes/CPT, 1982.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CATÃO, Francisco. *O que é teologia da libertação*. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.
- CNBB. *Servo solidário do direito e da Justiça*. Goiânia: Regional Centro Oeste – CNBB, 1999.
- GRAMSCI, Antônio. *Cartas do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: civilização brasileira, 1989.

_____. *Concepção dialética da história*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MORIN, Edgar. *Para Sair do Século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zaar, 1968.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A igreja da denúncia e o silêncio dos fiéis*. Campinas: Alínea, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1997.

_____. *Mortos sem Sepultura*. Tradução Fernando Peixoto. Versão Datilografada, 1977.

_____. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática, 1989.